

Marxismo e a Filosofia da Linguagem, para Bakhtin: o diálogo como ferramenta de transformação social

Marxism and the Philosophy of Language, for Bakhtin:
dialogue as a tool for social transformation

Bruna Burlamaqui Castello Branco Melo¹
Giovanna Dantas Silva²
Angela Zamora Guimarães Cilento³

RESUMO:

Este artigo surge dos Seminários Temáticos da disciplina "Cartografias do Sentir", explorando a relação entre o Marxismo e a Filosofia da Linguagem de Bakhtin. Destaca-se o impacto positivo de Mikhail Bakhtin na compreensão da linguagem humana, especialmente ao transformar o processo dialético da comunicação através de uma análise social do discurso. Inicialmente, contextualiza-se Bakhtin como líder intelectual do "Círculo de Bakhtin", um grupo responsável pela coautoria de muitas de suas obras. Em seguida, o artigo avança para uma análise mais profunda dos principais conceitos bakhtinianos e como o marxismo influencia sua concepção de linguagem. Bakhtin enfatiza a necessidade de considerar diversos fatores na análise linguística, como a relação entre locutor e interlocutor, contexto social, histórico, cultural e ideológico. Ele argumenta que sem essa abordagem holística, não há compreensão completa nem estabelecimento de diálogo genuíno.

Palavras-chave: Filosofia. Linguagem. Mikhail Bakhtin. Marxismo. Polifonia.

ABSTRACT:

The present article was developed based on the thematic seminars of the discipline "Cartographies of Feeling" (Cartografias do Sentir), in which we will deal with topics regarding Marxism and its importance for the construction of Bakhtin's Philosophy of Language. Here, we will talk about Mikhail Bakhtin's positive impact on humans' language and how his concept of language transformed the dialectical process of communicating based on a social analysis of discourse. First, we will explore the author's historical and social context, including his role as intellectual leader of a group that became known as the "Bakhtin Circle", a circle of intellectuals responsible for co-authoring a large part of his works. Then move on to a more in-depth analysis of its main concepts and how Marxism crosses this conception of language. For him, any linguistic analysis should address other factors, such as the relationship between the speaker and the interlocutor, social, historical, cultural, ideological context, etc.; a dialogue is not established.

Keywords: Philosophy. Language. Mikhail Bakhtin. Marxism. Dialogism.

¹ Bruna Burlamaqui Castello Branco Melo: Mestranda bolsista em Educação, Artes e História da Cultura. Pós-graduada em Direção de Arte em Comunicação (Belas Artes-SP, 2022). Diretora de Arte, Designer e Ilustradora. Atua como Web designer na Universidade Presbiteriana Mackenzie.

² Giovanna Dantas Silva: Mestranda bolsista pela CAPES. Licenciada em Filosofia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2020). Membro do Grupo de Pesquisa Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo Pesquisadora de Filosofia Política.

³ Angela Zamora Cilento: bacharel e licenciada em Filosofia pela PUC-SP. Doutora pelo Programa de Educação Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora do curso de filosofia nesta mesma Instituição.

Introdução

Para que possamos dialogar de maneira crítica e bem-posicionada a respeito de uma obra, é mandatório que nos debruçemos em seu contexto histórico e cultural. Dessa forma, podemos conhecer eficientemente seus autores e conversar com seus axiomas e traçar paralelos interessantes, para que então possamos contribuir plenamente à grande discussão sobre os caminhos do Marxismo enquanto ele se entrelaça com a Filosofia da Linguagem, de acordo com o autor russo Mikhail Bakhtin.

Assim, traçaremos um breve histórico a respeito do autor, de sua obra, e do contexto histórico, cultural e social na qual eles estavam inseridos, para desvendar as camadas que se desdobram no livro abordado. Este artigo tem a premissa de trazer contribuições para o campo da Filosofia da Linguagem, como elaborada pelo filósofo Mikhail Mikhailovich Bakhtin, nascido em 1895, na cidade de Oriol, próximo a Moscou. Ele frequentou a Universidade Estatal de São Petersburgo, e era conhecido como sendo filósofo e pensador russo. Foi um dos primeiros estudiosos a estruturar teorias a respeito da linguagem humana, especialmente pelo viés do Marxismo e a Semiótica.

A discussão a respeito da temática posiciona-se em águas outrora pouco ou quase nada exploradas, argumento tal fundamentado pela ausência de análises marxistas no domínio da Filosofia da Linguagem, conforme nos deparamos já no prefácio do volume: *MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM*, em sua 12ª edição, ano 2006, pela editora HUCITEC, originalmente publicado em russo no ano de 1929.

Dentre suas grandes contribuições, ainda falando da Teoria da Linguagem, Bakhtin nos incilna a olhar de forma mais analítica as interações discursivas que participamos durante atividades humanas advindas da comunicação. Ele acreditava fortemente que toda e qualquer análise linguística deveria deslocar a produção única do sentido que estava no emissor, para o receptor. Em outras palavras, começamos a vislumbrar uma possível Estética da Recepção⁴, que

⁴ Estética da Recepção: como conceituada por Hans Robert Jauss (1921-1997) grande escritor e crítico literário Alemão, é a consciência da plurissignificação do texto literário. Isto é, o saber prévio de um determinado público influenciava a recepção de uma obra. Tudo aquilo que é apresentado na obra, dialoga diretamente (atravessa) as experiências pessoais

ganharia mais força na segunda metade do século XX, tal teoria surge de um movimento epistemológico que desloca a atenção prioritária do autor e seu texto para o leitor. Tal fenômeno ocorre dentro e fora da literatura, atingindo estudos sobre linguística e comunicação. A tal recepção torna-se um fato histórico-social.

Logo, devemos analisar uma obra pelo seu contexto cultural, histórico e ideológico, pois para Bakhtin, sem este olhar mais abrangente, não seria possível compreender um texto em sua completude. Apesar da obra em análise ter sido publicada no começo do século XX, ela carrega em si uma linguagem assaz contemporânea e ainda repercute nas áreas de estudo que fazem parte da semiótica, linguística e literatura. Bakhtin e sua abordagem atravessam as décadas e trazem um discurso cuja contemporaneidade nos ajuda a construir novas camadas de conhecimento, que criam pontes para compreender o signo, a comunicação, e diferentes percepções acerca da linguagem e ideologias. Mikhail Bakhtin rejeita veemente o positivismo e em seu livro, traz o leitor para um contato mais próximo com o materialismo dialético de maneira estruturada.

Breve histórico e contexto social sobre o autor: Mikhail Bakhtin

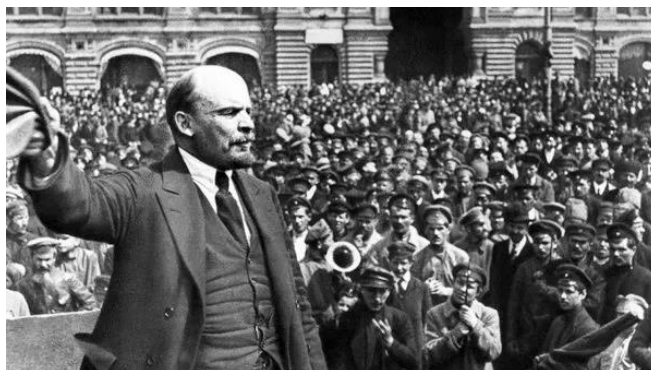
Mikhail Bakhtin desenvolveu suas obras em um período assaz turbulento, cujo contexto era influenciado por todas as transformações políticas e sociais que a União Soviética estava vivendo. A ênfase do autor no caráter dialógico da linguagem, na multiplicidade de vozes e diferentes percepções acerca de um texto, refletem seu vasto conhecimento e capacidade de racionalizar ideais que nasceram da Revolução Russa, que se deu início em 1917.

Logo ao início do século XX, corroborando com o fim do czarismo (monarquia russa), a Revolução Russa carregou consigo uma intelectualidade impetuosa que analisava os tempos de guerra como forma de politizar intelectuais e demais civis.

A Rússia então abandonaria seu caráter feudal, na qual uma expressiva parcela da população passava fome, sem suas necessidades básicas atendidas. A transformação ocorreu tanto nas esferas sociais quanto na cultura, política, das artes e até mesmo da linguagem, criando um intenso debate acerca da mudança

nos papéis que se estabeleceriam em uma nova sociedade: uma verdadeira ruptura com o passado.

Fig. 1) "Ouçam a revolução", aconselha o poeta Aleksandr. Na imagem, Vladimir Lênin, o principal líder da Revolução Russa. Fonte: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/revolucao-russa.htm>



Ao trazermos o Marxismo para a discussão, na obra abordada, ressaltamos que Bakhtin tinha um grande interesse em compreender como as estruturas de poder possuíam influência direta nas formas com as quais a linguagem poderia manipular, afastar e aproximar as grandes massas, sendo assim, tais estruturas poderiam se beneficiar diretamente da linguagem.

Apesar do nosso autor não ter atuado diretamente dos eventos turbulentos durante a Revolução Russa, todas essas inquietações afetaram seus trabalhos e sua larga pesquisa na área da Linguística. Todas as transformações radicais que aconteceram naquele período surtiram efeito em suas obras, o que trouxe inúmeras contribuições que são relevantes na área da literatura, comunicação, entre outras.

Mikhail Bakhtin, considerado Filósofo da Linguagem, era um intelectual que desenvolveu diversas discussões acerca de temas do campo da Linguística, como teorias sobre o romance, polifonia e dialogismo, carnavalização, estudos sobre gêneros do discurso, bem como conceitos de alteridade: eu e o outro, trazendo à tona a concepção de uma visão translinguística, ou seja, diversas competências nesta área de estudo acabam se cruzando.

Bakhtin, além de suas conquistas, era líder intelectual de um grupo formado por outros pensadores que corroboravam de sua visão de mundo e traziam novas ideias, e eles se nomearam como o "Círculo de Bakhtin", formado pelos filósofos: Valentín Voloshinov e Pável Medviédev. Sobre o tal círculo, seus pensadores

acreditavam que a realidade da língua estava na interação verbal, materializada pela nossa comunicação, ligada diretamente à enunciação concreta, produzida por nós sujeitos reais e sócio-historicamente situados na sociedade.

Para Di Fanti (2020, p. 8), Bakhtin associa o ato humano, no contexto abordado, pressupondo um caráter participativo, axiológico e dialógico do sujeito. Em outras palavras, nossas falas, atitudes, e pensamentos não são e nunca serão experiências individuais, mas sim, fazem parte de um determinado contexto social, no qual nos posicionamos.

No caso da obra analisada, verificamos a coautoria de Valentin Nikolaevich Voloshinov. Ele nasceu em São Petersburgo, também no ano de 1895, e foi considerado um expressivo intelectual que contribuiu largamente com a obra analisada. Junto a Bakhtin, ele tinha a intenção de tecer pensamentos inseridos no grande campo da linguística, conectado às ideias marxistas. Ele considerava a existência de um pensamento criativo sobre a linguagem, mesmo que houvesse diferenças teóricas a respeito do sistema de signos fechados de Saussure.

Voloshinov apresenta, na obra analisada, uma concepção coesa entre ideologia e psicologia, levando em consideração a teoria marxista para tal. Ele nos diz que um singelo pensamento não cria uma ideologia, mas sim, a surgência de ideologias que fundamenta o pensamento individual. Para solidificar seu argumento, ele descarta as razões fisiológicas ou biológicas, para ressaltar o caráter sociológico do discurso que aqui levantamos.

Teoria da Linguagem e seus desdobramentos

Bakhtin, enquanto estudioso da Literatura, nos fala em sua obra que não acredita em uma teoria finalizada da Linguagem, mas que ela é dinâmica, se modifica, cria novas regras, surgem novos descobrimentos que transformam nossa percepção sobre áreas de conhecimento que se põem neste campo de estudos. No primeiro capítulo da obra analisada, resumidamente, ele aborda os seguintes temas: a Ciência das Ideologias e a Filosofia da Linguagem; O problema do signo; O signo ideológico e a consciência; A palavra como signo ideológico por excelência; A neutralidade ideológica da palavra; e por fim, como a propriedade da palavra pode ser um signo interior. Segundo a autora Beth Brait:

(...) mais do que um arcabouço teórico, a concepção de linguagem de Bakhtin é uma postura científico-filosófica, uma forma de investigação que aponta para uma totalidade aberta em que o discurso, forma histórica e falante, faz-se ouvir através de suas inúmeras vozes, dirige-se a um interlocutor e impõe uma atitude dialógica, a fim de que os vários sentidos, distribuídos entre as vozes, possam aflorar. Nessa perspectiva, diz ela, o discurso e seu concerto incessante de produção de efeitos de sentido não é jamais um objeto pacífico e passível de submissão ao monologismo de uma teoria acabada. (Brait, p. 16, 1994)

A citação acima faz alusão ao caráter científico-filosófico dos estudos de Bakhtin, que não acreditava em uma Teoria da Linguagem finalizada, esta convida o leitor para adotar uma postura dialógica, na qualidade de construção do discurso, para que a produção de significados no diálogo não seja concebida como um assunto encerrado em si.

Bakhtin, em sua obra, afirma que o sujeito é o próprio agente do discurso, no entanto, o filósofo francês Michael Foucault ia em outra direção, nos dizendo que o sujeito e o discurso são assujeitados pelo meio. Como afirma Crestani e Jacinski (2002, p. 3), para Foucault, o sujeito se torna *assujeitado* pelo seu meio, e Bakhtin, ao não anular o sujeito, o põe como agente. Foucault não acreditava que todos os discursos se tornassem homogêneos enquanto se referissem a um único objeto, pois é possível mapear diferentes tipos de axiomas em específicas áreas temáticas.

A partir do estudo dela, começamos a conceituar diferenças entre o Signo Linguístico, proposto pelo filósofo e linguísta suíço, Ferdinand Saussure (1897-1913): o signo linguístico pode ser interpretado como o resultado da relação entre um conceito e uma imagem acústica, esta sendo a figura formada em nossas mentes, seguindo etapas de pensamento como a estruturação conceitual da significação e sua arbitrariedade. Na obra analisada, Bakhtin (2006), nos fala que "a ideologia influencia o pensamento, e não o contrário", pois para o autor, a Linguagem está no Meio, e que este então atravessa o Indivíduo. Bakhtin critica a fala Saussuriana pois ele acredita que esta esvazia a prática linguística de seu cerne.

O Marxismo: A Relação entre a Infraestrutura e as Superestruturas

Karl Marx foi um importante filósofo e revolucionário socialista alemão que criou as bases da doutrina comunista, na qual criticou veementemente o capitalismo. Com suas obras, Marx deu origem a um conjunto de ideias, análises, críticas e formulações que foram chamadas de Marxismo e parte delas se tornaram a doutrina oficial dos países de regime dito comunista.

Daremos um passo para trás para falar sobre o comunismo, tendo em vista que, de fato, não houve na sociedade, até os dias de hoje, um país de fato comunista. Essas nações, que se dominam comunistas, são na verdade *socialistas*, segundo a autora polonesa Rosa Luxemburgo⁵, em seu livro: *Reforma ou Revolução* (1899).

Mas o que é o Comunismo e qual sua ligação com a linguagem Bakhtiniana? O Comunismo (do latim *communis*) é uma ideologia política, filosófica, social e econômica que visa compreender a sociedade sob as ideias de oportunidades iguais para toda uma estrutura social. O comunismo é a etapa final que se pode alcançar na estrutura igualitária estabelecida por Marx, e a mais importante com relação ao direito dos trabalhadores, quebrando a maior parte de amarras possíveis estabelecidas pelo capitalismo.

Ao trazermos o Marxismo para luz da discussão, na obra abordada, ressaltamos que Bakhtin tinha um grande interesse em compreender a partir dela como as estruturas de poder possuíam influência direta nas formas com as quais a linguagem poderia manipular, afastar e aproximar as grandes massas, sendo assim, tais estruturas poderiam se beneficiar diretamente da linguagem.

Marx compreendia a organização da sociedade capitalista e sua estrutura social, dividida em infraestrutura e superestrutura. A infraestrutura diz respeito às forças de produção, matéria-prima, meios de produção e os próprios trabalhadores (relação de empregados-empregados, patrões-empregados), onde se concentra a base da economia de uma sociedade, o processo de acúmulo de capital, que

⁵ Rosa Luxemburgo ou Rozalia Luksemburg (1871-1919): filósofa, socióloga, economista e teórica política polonesa, também foi uma autora marxista que explica que o Socialismo é uma etapa para a conquista de um Comunismo.

não necessariamente é detido por aqueles que o produzem. Já a superestrutura possui as instituições, o Estado, Mercado, Religião, Artes, meios de comunicação etc. que possuem uma relação de poder perante a infraestrutura.

Os problemas da Filosofia da Linguagem pelo viés do Marxismo se posicionam em um encadeamento de âmbitos responsáveis para uma interpretação marxista do mundo, a linguagem como elo e não como quebra. Para Bakhtin e Voloshinov (2006, p.115) a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Em outras palavras, tais problemas são agravados por concepções positivistas do empirismo, este se dobra diante do fato, que para tal é interpretado como intangível e imutável, se afastando da dialética. Para Marx, o materialismo pré-marxista transformava a realidade material em mecanicista, ou seja, explicava os múltiplos fenômenos da natureza e da sociedade, unicamente pela Metafísica e ordem mecânica, considerando a natureza e a sociedade imutáveis.

Problematização

Os problemas da Filosofia da Linguagem pelo viés do Marxismo se posicionam em um encadeamento de âmbitos responsáveis para uma interpretação marxista de mundo, e nosso autor, Bakhtin (2006), destaca a centralidade da linguagem na vida humana. Ele acredita que a palavra tem sempre um sentido ideológico ou vivencial, relaciona-se totalmente com o contexto e carrega um conjunto de significados que socialmente foram dados a ela. A palavra é também polissêmica e plural, uma presença viva da história, por conter múltiplos fios ideológicos que a tecem.

O produto do ato da fala, a enunciação, é de natureza social, determinada pela situação mais imediata ou pelo meio social mais amplo. E o que torna a compreensão de uma palavra possível é também aquilo que é presumido pelo ouvinte, porque toda a palavra usada na fala real possui um acento de valor ou apreciativo, transmitido por meio da entoação expressiva. Por isso, junto com a palavra, acontecem os gestos, as expressões faciais, a tonalidade e entonações que contribuem para que determinadas mensagens e inteligibilidades possam ser transmitidas e compartilhadas (Scorsolini-Comin; Amorim, 2010).

A citação de Scorsolini-Comin e Amorim acima dialoga conosco o seguinte: a compreensão total de uma palavra falada transcende o seu significado literal, mas sim, se completa por aquilo que é presumido ou entendido pelo ouvinte. Ou seja,

tudo aquilo que falamos tem carácter apreciativo, este traduzido pela entoação cognoscível. Como mencionamos anteriormente, a corporalidade humana e a nossa gestualidade fazem parte da comunicação tanto quanto as palavras codificadas em nossa língua falante.

ESTUDO DAS IDEOLOGIAS E FILOSOFIA DA LINGUAGEM

Outrossim a problematização levantada em nossa pesquisa, nosso autor Bakhtin (p. 21, 2006) o método marxista vai diretamente de encontro a tais problemas e não pode avançar de maneira eficaz sem submetê-los a um exame específico e encontrar-lhes uma solução. Então, as ideologias se tornam um assunto emergente nos estudos de Bakhtin, especialmente dado o histórico da época.

Logo, vemos a passagem abaixo:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. (Bakhtin, 2006 p. 21).

Se tudo que tem carácter ideológico possui um significado e refere-se a algo exógeno a si mesmo, então podemos definir tal como um *signo*. Concluimos assim, que sem signos, não podemos cultivar ideologias. Seguindo este raciocínio, todo o tipo de texto, imagem ou objeto físico pode se transformar em produto ideológico e, também, um signo.

Este pensamento vale para uma miríade de exemplos, sejam ferramentas de trabalho, bolsas de grife, maneiras de falar, entre outros. O exemplo citado por Bakhtin (p. 22, 2006), é a icônica figura do martelo e da foice, que se tornaram no símbolo adotado pela União Soviética: eles perdem o sentido literal e funcional de seu carácter instrumental, e passam a ser reconhecidos através do seu sentido ideológico.

Fig. 2) Montagem para representar o conceito Imagem x Signo x Ideologia. Trazemos o exemplo da foice e do martelo, junto de uma bolsa que pode representar uma grife famosa. Elaborada pelas autoras.



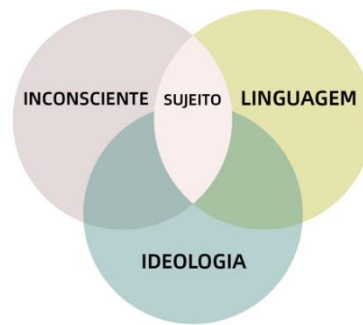
Adiante, precisamos estipular certas demarcações conceituais que guiem nosso conhecimento. A ferramenta, seja ela o martelo ou a foice, não se transformam diretamente no signo, e o signo não repousa sua significação no instrumento de produção. O autor demonstra, logo no primeiro capítulo, que todos os produtos de consumo, tecnológicos, alimentícios, e instrumentos de trabalho podem fazer parte de um arcabouço ideológico e cultural, sendo associados a signos ideológicos.

Assumimos então que, tudo aquilo interpretado como ideológico possui qualidade semiótica. A criatividade e inventividade humana é complexa, atravessando diversas camadas sociais, culturais e historicamente posicionadas, que alteram e conferem novas proposições de sentido, e isto, conforme acontece, transfere o caráter semiótico que unifica tudo aquilo que entendemos como fenômeno ideológico, posicionando-os sob uma acepção generalizada, sendo os signos também reflexos fenomenológicos do mundo exterior.

Para falarmos de ideologia, devemos compreendê-la como um fragmento da consciência e que os signos comentados se tornam uma roupagem ou materialização da construção interior que surge da mesma.

Os signos também fazem parte do nosso inconsciente e são mutáveis conforme nossa cultura, onde vivemos, o que e como aprendemos, e a linguagem também é um grande fator que influencia as relações intrínsecas de todos estes fatores, conforme a figura abaixo, extraída do artigo referenciado. A partir dela, visualizamos como o "sujeito" se posiciona no esquema:

Fig. 3) Imagem adaptada do artigo "Análise do Discurso: o lugar do sujeito na trama do discurso" por Maria Cristina Leandro Ferreira. Adaptado pelas autoras.



Percebemos dessa forma que é impossível dissociar o sujeito do seu meio, e que tanto linguagem como ideologia são fortes pilares para a construção da subjetividade humana, conforme a citação abaixo: as três ordens levantadas nesta discussão afetam o sujeito, e cada uma dessas forças têm seus "furos", sejam eles o equívoco, a contradição, e falhas em nosso inconsciente. A incompletude humana faz parte da nossa subjetividade, da capacidade de nos aprimorarmos, mudarmos de ideia, e então podermos aprender novos conhecimentos e enfim nos tornarmos quem desejamos ser.

"O sujeito estaria assim sendo afetado, simultaneamente, por essas três ordens e deixando em cada uma delas um furo, como é próprio da estrutura de um ser-em-falta: o furo da linguagem, representado pelo equívoco; o furo da ideologia, expresso pela contradição, e o furo do inconsciente, trabalhado na psicanálise. Daí decorre o fato de a incompletude ser tão marcante para todo o quadro teórico do discurso e contaminar, de certa forma, os principais conceitos que o compõem. É precisamente essa falta que vai acabar tornando-se o lugar do possível para o sujeito desejante e para o sujeito interpelado ideologicamente da análise do discurso." (Ferreira, M. C. L., 2012, p. 5).

Jauss (1994) nos fala que o saber prévio de um determinado leitor ou grande público afeta diretamente como uma determinada obra será recepcionada. Com isso, observamos de quais maneiras a literatura conversa com experiências novas, e tais experiências têm potencial de trazer o leitor a determinadas posturas emocionais, engrandecendo seu horizonte de compreensão.

Dessa forma, ao fazer uma análise tanto do livro *Marxismo e a Filosofia da Linguagem*, como dos estudos acerca da estética da Recepção, chegamos ao raciocínio de que tal recepção transforma-se em um fato histórico-social: isto ocorre porque, realizando uma generosa leitura desse contexto, as reações individuais são inerentes à nossa humanidade, ganhando mais força ao se tornarem coletivas. Só é possível alcançar determinadas camadas de subjetividade ao contemplar um texto ou imagem através do momento o qual vivemos.

Dialogismo e Polifonia: Definição e sua importância na literatura

Para Bakhtin (2006), apesar de sua expressiva relevância, o diálogo não é o único constituinte na comunicação, ou seja, em um contexto mais extenso, o diálogo propriamente dito deixa de ser literal, e engloba toda a comunicação verbal, nossa corporalidade, entonação, ao invés da palavra falada literal. Então, conforme a citação abaixo, o que entendemos como "diálogo", se transforma em todo o conjunto dos elementos dessas trocas.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (Bakhtin, 2006, p. 117)

O diálogo constitui uma forte ferramenta para que haja transformações na sociedade, ao aproximarmos diferentes realidades, tendo em mente o conceito da alteridade, que fala sobre reconhecer as diferenças entre quem sou eu e o outro. Apenas reconhecendo as diferenças é que então a humanidade pode reconhecer-se em seus semelhantes, rompendo com relações de dominação.

Destarte, concebemos que cada indivíduo possui um lugar único, constituindo seu próprio valor tangível, que tem resposta e responde à elementos exógenos, produzindo sentidos em situações histórico-sociais, tecendo uma teia complexa pautada nas inter-relações humanas.

Com esta lógica, o que entendemos como diálogo não engloba apenas quem transmite ou quem recebe uma mensagem, mas sim, uma alteridade a respeito do outro inserido no diálogo. Em outras palavras, o sentido da mensagem deixa de ser centralizado no seu emissor, e pode sofrer alterações conforme quem for o interlocutor daquela determinada mensagem. Assumimos então que a recepção ativa do discurso é fundamental para que o dialogismo ocorra, abraçando o que Bakhtin defende como constantes da recepção ativa dos discursos.

A presença das palavras do outro nas palavras do eu é um dos primeiros elementos que caracterizam o conceito de dialogismo. Para compreendermos melhor, a partir do raciocínio lançado por Bakhtin ao dizer que a linguagem não pode ser monológica (composta apenas por um indivíduo), esquematizamos o dialogismo em 3 perguntas:

1. Com o quê dialogamos? Recursos verbais, não verbais, e com o silêncio.
2. Com quem dialogamos? Agimos e influenciamos com quem dialogamos.
3. Para que dialogamos? Com qual finalidade.

Com base nestas perguntas, a palavra surge como uma metáfora de si mesma, para representar algo muito maior. Conforme Bakhtin (2006, p. 139), a evolução histórica do tema e suas significações não podem ser dissociadas da apreciação social, ou seja, o engrandecimento do horizonte valorativo tem ligação direta com tudo aquilo que tem relevância para um determinado grupo social: tais atributos da existência que foram inseridos no que podemos entender como um "círculo do interesse social" daquele grupo, tornam-se artefatos participantes da emoção humana e da fala. Tal desenvolvimento dialético encontra-se espelhado no que Bakhtin traduz como evolução semântica, isto é, diz respeito aos significados.

Já a polifonia pode ser elucidada como a presença de várias vozes em um enunciado, neste caso, nos apropriamos do texto literário. Porém, esta é uma definição suficientemente plana, que não abraça a complexidade da polifonia e sua relevância para os estudos no campo da Linguística. Se agregarmos um conceito ao outro, podemos evidenciar a polifonia como uma amplitude no diálogo, sendo característica própria observada nos gêneros literários discursivos como o romance (grande objeto de estudo para Bakhtin).

Ao compreender um terceiro conceito, que é a polissemia (pluralidade nos significados de um determinado conceito, objeto ou ideia), somamos a ela que tanto a polifonia quanto o dialogismo se encontram nos mais diversos arranjos e conjunturas presentes em textos literários.

Assim dizendo, um conjunto de personagens dialogando pode ser interpretado como uma forma de polifonia, através de micro diálogos recorrentes em uma narrativa, e além disto, o fato de uma ideia ou conceito ser repetidamente abordada, discutida, revisitada por tais personagens também pode fazer parte do que entendemos como polifonia.

Conclusão

Bakhtin e Voloshinov buscaram desenvolver uma filosofia de linguagem de fundamentação Marxista, isso significa que essa concepção nasceria de uma profunda análise social acerca do emissor e receptor, já que, para Bakhtin, a linguagem não é um ato monológico (de uma só pessoa) e sim dialógico (de duas ou mais pessoas). É necessário compreendermos o conceito não como ato solitário, e sim um ato de diferentes perspectivas sociais.

O Marxismo é o conjunto das ideias filosóficas, econômicas, políticas e sociais que Marx e Engels elaboraram e que mais tarde foram desenvolvidas por seus seguidores dos mais variados campos. Em resumo geral, essas ideias interpretam a vida social conforme a dinâmica da luta de classes e prevê a transformação das sociedades de acordo com as leis do desenvolvimento histórico de um sistema produtivo.

Tanto aqui, como na obra trabalhada, Bakhtin e seus colegas se debruçaram numa ideia de língua que só existe linguagem onde houver possibilidade de interação social e dialogal. Tal diálogo que se constrói na interação com o outro, nas expressões, na troca de uma cultura para outra, não devendo, desta forma, ser um instrumento utilizado para afastar e oprimir camadas sociais.

Então, concluímos que o diálogo, para Bakhtin, é muito mais do que a troca de palavras entre um locutor e interlocutor, ele deve ser interpretado com uma relevante ferramenta-chave na transformação da sociedade, pois apenas com a consciência da tríade: sujeito – meio – linguagem, somada ao entendimento da alteridade *eu* e o *outro*, a palavra é tratada como um território comum, fértil em significações e potencial de provocar mudanças na sociedade. Assim, para que o real diálogo, como definido pelo nosso autor, possa ser estabelecido, é preciso que os homens se reconheçam como iguais, possam partilhar sentimentos, expectativas e necessidades.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª Edição. HUCITEC, 2006.

BRAIT, Beth. **Dialogismo, polifonia e enunciação**. In: BARROS, Diana L. P. de; Fiorin, José Luiz (org.) Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 1994.

BORBA, M. A. J. de O. (2016). **Virada da literatura e do pensamento no século XX: Intervenções da Estética da Recepção e da Desconstrução**. Gragoatá, 21(41). Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33415>> Acesso em 29 de abr. de 2024.

CANDIDO, Fernando Pereira; SHEEN, Dr.^a Maria Rosemary Coimbra Campos; MELLO, Ms.^a Rosângela Aparecida. **A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO TEXTO “A IDEOLOGIA ALEMÃ”, DE KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS**. Disponível em:

https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4752/art10_14.pdf. Revista HISTEDBR On-line, 2004. Acesso em 02 mai. de 2024.

COELHO, Carolina Marra S. **Psicanálise e laço social: uma leitura do Seminário 17. Mental**, Barbacena, v.4, n.6, p.107-121. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272006000100009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 abr. 2024.

COSTA, Márcia Hávila Mocci da Silva. **Estética da Recepção E Teoria do Efeito**. Maringá. 2012. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/mydownloads_01/singlefile.php?cid=44&lid=4787> Acesso em 29 de abr. de 2024.

CRESTANI, C. R e JACINSKI; **Aproximações teóricas entre a perspectiva Foucaultiana e do Círculo de Bakhtin para estudos da linguagem**. Curitiba. 2002. Disponível em: < <https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2301>>. Acesso em 30 de abr. de 2024.

FERNANDES, Júlio Flávio De Figueiredo; CARVALHO, Mauro Giffoni; CAMPOS, Edson Nascimento. Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido. **SciELO Brasil**, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/9W5Qk3R5j5RMtVww3njjLZN/>. Acesso em 30 de abril de 2024.

FERREIRA, M. C. L. **ANÁLISE DO DISCURSO E SUAS INTERFACES: o lugar do sujeito na trama do discurso**. Organon, Porto Alegre, v. 24, n. 48, 2010. DOI: 10.22456/2238-8915.28636. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28636>>. Acesso em: 01 mai. 2024.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução?**. 1. ed. Expressão Popular, 2004.

MARQUES, Igor De Oliveira. **CONTRIBUIÇÕES DE MIKHAIL BAKHTIN PARA OS ESTUDOS DA LINGUAGEM**. **LinkedIn**, 2023. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/contribui%C3%A7%C3%B5es-de-mikhail-bakhtin-para-os-estudos-da-marques/?originalSubdomain=pt>. Acesso em 01 mai. de 2024.

NASCIMENTO, Lucas. **Da Filosofia Ao Discurso: Mikhail Bakhtin**. 2021. Feira de Santana, Bahia. Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Disponível em: <https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/6503>. Acesso em 01 mai. de 2024.

NOVAK, Franciele Isabelita Lopes; BRANDT, Celia Finck. **A Semiótica de Peirce e Saussure, Contributos e Limites para a Teoria das Representações Semióticas de Raymond Duval e a Análise da Forma e Conteúdo em Matemática**. Ponta Grossa. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revemat/article/view/1981-1322.2017v12n2p1>>. Acesso em 01 mai. de 2024.

PINHEIRO, Tatiana. Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo. **Nova Escola**, 2009. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/1621/mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo>. Acesso em 01 mai. de 2024.

PORFÍRIO, Francisco. Rosa Luxemburgo. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/rosa-luxemburgo.htm>. Acesso em 01 mai. de 2024.

Quem foi Mikhail Bakhtin?. **Editora Contexto**, 2014. Disponível em: <https://blog.editoracontexto.com.br/quem-foi-mikhail-bakhtin/>. Acesso em 01 mai. de 2024.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SANTOS, Manoel Antônio dos. **Bakhtin e os processos de desenvolvimento humano**. *Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.*, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 745-756, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822010000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 mai. de 2024.

SILVA, G. D.; **A Banalidade do Mal e a Ascensão de Regimes Totalitários na Contemporaneidade**. Revista Primus, https://delphos-gp.com/primus_, p. <https://delphos>, 18 dez. 2023.

VIZIBELI, Danilo . Quem foi Bakhtin. **Youtube**, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sw-tlPxXxKw>. Acesso em 02 mai. de 2024